

TEORIA E PRÁTICA: ASPECTOS INDISSOCIÁVEIS

Fabio Lanza (Doutorando/PUC SP)¹

Resumo: Com o advento da modernidade, os eixos que mantinham as sociedades européias se alteram, processando-se e desenvolvendo-se um novo mundo, antropocêntrico, racional e científico. A partir das fontes bibliográficas foi possível discutir as mudanças ocorridas no mundo moderno, a partir: dos processos de secularização e expropriação dos “domínios” da Igreja Católica; b) da Revolução Francesa (1789); c) e da Revolução Industrial. Na perspectiva de análise marxista constituiu-se como uma forma de denunciar a exploração sofrida pela classe trabalhadora na relação entre patrões e empregados. As idéias de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) não tinham nenhuma preocupação em definir uma ciência específica para analisar a sociedade, porque buscavam compreendê-la na sua totalidade, não promovendo a separação dos aspectos econômicos, políticos, ideológicos, religiosos e etc. As mudanças na História da Humanidade, segundo os marxistas, ocorrem a partir da luta entre as classes sociais, ou seja, reafirmando a idéia que o homem é um sujeito histórico, capaz de constituí-la e transformá-la. A partir do antagonismo de classes e da práxis, enquanto conceitos sociológicos segundo a perspectiva crítica, a teoria e prática são indissociáveis, a ação e a reflexão, a prática é objeto de estudo e de formulações e a teoria se aplica na prática, estabelecendo a relação ação/reflexão – reflexão/ação.

Palavras-chave: Práxis. Positivismo. Marxismo. Produção do Conhecimento.

Abstract: The european society's axis changed developing an anthropocentric, rational and scientific new world with the advent of modernity. It was possible, using bibliographical references, discuss the changes that happened in the modern world after the processes of secularization and expropriation in the domains of the Catholic Church.; b) the French Revolution (1789); c) and the Industrial Revolution. The marxist analysis perspective became a way of exposing the exploitation suffered by the labor class. Karl Marx (1818-1883) and Friedrich Engels (1820-1895) ideas had no worry on defining a specific science to analyse the society, they tried to understand it instead, not promoting a division of its many aspects (economical, political, ideological, religious, etc.). The changes in the Human History according to Marxists, happened during the classes dispute reaffirming the idea that man is capable of changing the path of History.: From the classes antagonism and práxis, while sociological concepts according to a critical perspective, theory and practice are amalgamated, the action and the reflection, practice is a research object and theory is applied creating the relation action/reflection - reflection/action.

Key words: Praxis. Positivism. Marxism. Knowledge Creation.

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara-SP (UNESP), Mestre em História pela Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca-SP (UNESP) e doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais na PUC SP.

TEORIA E PRÁTICA: ASPECTOS INDISSOCIÁVEIS

Resguardada as concepções religiosas e as discussões no campo espiritual e restringindo o mundo a Europa Ocidental e a América é possível discutir a relação existente entre a teoria e a prática sob a ótica da Teoria Sociológica Crítica.

O universo intelectual que habitualmente é percorrido² é o que envolve as teorias originárias na Europa Ocidental e na América, devido ao processo de formação e desenvolvimento do capitalismo na Baixa Idade Média Européia e a histórica que se iniciou no século XV com a chegada de Cristóvão Colombo, representante da Coroa Espanhola, na América Central.

Dessa forma, o conhecimento das populações indígenas e africanas, que foram dizimadas e escravizadas, foi submetido ao “saber europeu”. Ainda é importante ressaltar, que por muitos séculos não se estabeleceu vínculos com as teorias Orientais (Ásia e Oceania).

No longo período medieval, do século V ao XV, a mentalidade européia esteve tutelada pela Igreja Católica, que era a matriz cultural e usava de diversos recursos violentos para coibir quem pensava diferente, como por exemplo, os Tribunais da Inquisição que julgavam e condenavam à morte na fogueira os considerados hereges.

É evidente e inegável que a religiosidade era a principal *fonte de inspiração* para os mais diversos sentidos na Idade Média Européia e essa característica marcou profundamente as estruturas que se formavam nas colônias européias na América.

Contudo, com o advento da modernidade, os eixos que mantinham as sociedades européias se alteraram e não mais uma cultura teocêntrica se manteve, processando-se e desenvolvendo-se um novo mundo, antropocêntrico, racional e científico.

A partir das análises a respeito das mudanças ocorridas no mundo moderno, Pierucci reduz e minimiza a religião, expondo que esta foi desbancada “do seu papel de matriz cultural totalizante (...) com o pouco que sobrou para a religião na moderna civilização ocidental - a saber, a esfera privado-íntima, e olhe lá!” (PIERUCCI, 1997, p. 99).

Nesse sentido, é verdade que nos últimos três séculos intensificou-se um processo de secularização, expropriação dos “domínios” da Igreja Católica, e que as sociedades na atualidade possui um perfil urbano-industrial-científico, em que reina a racionalidade com suas infinitas descobertas, sem discutirmos, é claro, toda crise dos paradigmas e suas novas formulações.

Os pilares centrais da cultura medieval deram sinais de enfraquecimento com o Renascimento do Comércio no final da Idade Média e muitas concepções religiosas católicas foram questionadas e novas perspectivas religiosas desenvolveram-se ao longo do processo histórico as Reformas Protestantes do século XVI.

²Tradicional e eurocêntrico.

A concepção medieval cristã-ocidental afirmava que a realidade social não podia ser alterada porque era um desígnio de Deus, a Igreja Católica Romana era a sua representante na Terra, essa abordagem passava a ruir e colocava em risco a manutenção do *status quo*.

Na Idade Moderna, do século XV ao XVIII, a concepção religiosa ainda predominou, no entanto o mundo percebia graças ao desenvolvimento do comércio e das técnicas de navegação, da formação dos Estados Nacionais Modernos sob o jugo dos reis absolutistas, da forte ruptura cultural e intelectual promovida pelos pensadores Iluministas, no século XVIII e diversos outros antecessores³, que o homem era o centro do mundo e não mais a Igreja Católica. Essa mudança é vista como a substituição da concepção teocêntrica de mundo pela concepção antropocêntrica.

Como grande exemplo de todas essas mudanças destaca-se a Revolução Francesa (1789) que indicou a maior ruptura entre o que ainda existia do mundo medieval (o Antigo Regime) e o mundo contemporâneo. No seu processo histórico a Revolução Francesa condenou a guilhotina o Rei Absolutista Luis XVI, a rainha Maria Antonieta e centenas de padres e religiosos, além dos bens da Igreja serem confiscados. O novo Estado Republicano liberal passou a representar os interesses da Burguesia, controladora do comércio e da pequena indústria que se formava na França.

No século XVIII na Inglaterra se desenvolveu a I Revolução Industrial, que rompeu, por meio do processo iniciado na Baixa Idade Média, com a economia agrária-feudal. As cidades tornaram-se o centro econômico e político e expandiram-se vertiginosamente, as massas de servos expulsos do campo passavam a ser explorados de maneira violenta nas fábricas.

A maior parte da hierarquia da Igreja Católica e das Igrejas Protestantes não se posicionaram a favor dos trabalhadores que definhavam com o trabalho degradante nas fábricas e ainda, muitas vezes, defendiam as idéias vinculadas a Burguesia Industrial que se constituía pela Europa ao longo do século XIX.

Todas essas mudanças careciam de explicações que não fossem religiosas como no período medieval e sim, pautadas em métodos científicos e racionais, inspiradas nas novas teorias científicas que se constituíam a partir do Humanismo e do Iluminismo.

Foi nesse contexto que se cristalizou algumas teorias que explicavam a realidade social e estão até os dias atuais servindo de “trampolim” para estudos que buscam compreender a sociedade contemporânea. Neste ensaio serão destacadas as teorias: Positivistas, associadas a August Comte e Émile Durkheim, e a Crítica, vinculada às idéias de Karl Marx e Friedrich Engels.

Os pensadores positivistas fundamentaram suas idéias a partir de concepções que percebiam de forma favorável, com uma perspectiva positiva, a sociedade urbano-industrial que se consolidava na Europa. Não eram e não são contrários a exploração do trabalhador, porque na sociedade moderna os indivíduos são diferentes e portando uns se sobressaem em relação aos outros, comungam de uma abordagem funcionalista, em que os indivíduos devem cumprir com a sua função, por isso, há uma divisão social do trabalho, pautada na

[...] diferenciação social [que] resulta da combinação dos fenômenos do volume e da densidade material e moral.

³ Nicolau Maquiavel (1469-1527), Galileu Galilei (1564-1642), Thomas Hobbes (1588-1679), Francis Bacon (1561-1626), René Descartes (1596-1650), John Locke (1632-1704) e Isaac Newton (1642-1727), entre outros.

Para explicar esse mecanismo, Durkheim invoca o conceito da luta pela vida, que Darwin popularizou na segunda metade do século XIX. Quanto mais numerosos os indivíduos que procuram vivem em conjunto, mais intensa a luta pela vida. A diferenciação social é a solução pacífica da luta pela vida. Em vez de alguns serem eliminados para que outros sobrevivam, como ocorre no reino animal, a diferenciação social permite a um número maior de indivíduos sobreviver, diferenciando-se. Cada um deixa de estar em competição com todos, podendo assim ter um papel, e preencher uma função. Deixa de ser necessário eliminar a maioria dos indivíduos, a partir do momento em que, não sendo eles semelhantes entre si, porém diferentes, cada um colabora com uma contribuição que lhe é própria para a vida de todos (ARON, 2000, p. 296).

Dentro dessa mesma abordagem positivista, Comte reafirma essa concepção que na sociedade existem os líderes que controlam os processos políticos, econômicos e sociais e existem os que são “inferiores” que devem submeter-se a esse controle. Indica que toda

[...] sociedade, desde a mais primitiva, há dirigentes e dirigidos. Os dirigentes devem ser os mais capazes, isto é, aqueles que influem na educação e na cultura da espécie humana: são os sacerdotes, os filósofos, os cientistas, os jornalistas, os professores etc [...]

Embasado na concepção sociológica da sociologia, Augusto Comte entende a sociedade como um organismo cujas partes constitutivas são heterogêneas, mas solidárias, pois se orientam para a conservação do conjunto. Assim, à semelhança do organismo, encontra-se nela uma divisão das funções especiais, onde se nota a presença da espontaneidade, da necessidade, da imanência e da subordinação de todas as suas partes a um poder central e superior (RIBEIRO, 2001, p. 22).

Na realidade, a sociologia positivista, como herdeira do movimento iluminista sofreu grande influência das ciências exatas e biológicas, que viviam o triunfo das novas descobertas científicas ou das experiências que se desenvolviam naquela época. Então a concepção de sociedade desenvolvida pelos seus pensadores, Comte e Durkheim, possui um perfil biológico.

Na abordagem teórica positivista em que a concepção orgânica de sociedade afirma a existência de leis gerais que determinam a vida dos indivíduos, negando assim, o papel de sujeitos capazes de lutar e participar do processo histórico.

As leis naturais, assim descobertas, constituem a formulação geral de um fato particular, rigorosamente observado; e daí resulta que a ciência, segundo Comte, não é mais do que a sistematização do bom senso, que acaba por nos convencer que somos simples espectadores dos fenômenos exteriores, independente de nós, e que não podemos modificar a ação destes sobre nós, senão submetendo-nos às leis que os regem (RIBEIRO, 2001, p. 14)

O altruísmo e a solidariedade são essenciais para o desenvolvimento social, afinal são elementos que garantem a coesão social e a manutenção da ordem, tanto Comte como Durkheim defendem que só com a manutenção da ordem social é possível

haver o progresso, o que significa mais benefícios para a elite dominante em detrimento dos que são explorados. Para a Teoria Positivista todos os componentes da sociedade devem respeitar as *leis imutáveis* que definem a constituição dos fatos e dos valores sociais,

[...] para existirem, os valores de uma determinada sociedade não necessitam expressar-se numa determinada pessoa, nem que esta esteja de acordo com eles. Têm uma realidade objetiva, independente do sentimento ou da importância específica que alguém lhes dá e possuem sobre os membros de uma comunidade uma certa autoridade. Para demonstrar que os fatos sociais são coercitivos, Durkheim aponto para as dificuldades em que tropeçam aqueles que procuram não se submeter a uma convenção mundana, resistir a uma lei, violar uma regra moral [...] (QUINTANEIRO, 2000, p. 19).

Nessa mesma época, século XIX, Karl Marx e Friedrich Engels elaboravam suas teses a respeito da sociedade capitalista que se configurava. Suas abordagens partiam do movimento iluminista, no sentido de reforçar a discussão racional e antropocêntrica, porém incompatíveis com as idéias positivistas.

A perspectiva de análise marxista constituiu-se como uma forma de denunciar a exploração sofrida pela classe trabalhadora na relação entre patrões e empregados. A partir dessa abordagem que percebia essa relação como uma dicotomia entre exploradores e explorados, Marx e Engels formularam seus estudos analisando a sociedade capitalista emergente.

A compreensão de que a sociedade está em constante conflito, vivendo as contradições a partir da dicotomia apresentada acima, indicou que é essa luta de classes entre dominantes e dominados que faz a sociedade mudar, não sendo estática e ainda, que a ordem, tão essencial aos positivistas, não é a responsável pelo desenvolvimento histórico da sociedade. Para Marx e Engels,

[...] a história de todas as sociedades até hoje é a história da luta de classes.

Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em constante antagonismo entre si, travando uma luta ininterrupta, umas vezes oculta, outras aberta – uma guerra que sempre terminou ou com uma transformação revolucionária de toda sociedade ou com a destruição das classes em luta (MARX; ENGELS, 1998, p.4-5).

As concepções dessa perspectiva de análise, Teoria Crítica, apontava o processo histórico motivado pelos conflitos e antagonismos sociais como uma forma de superação da sociedade capitalista, adotando uma postura política socialista. No século XIX ocorrem grandes transformações sociais e econômicas, como por exemplo as novas fontes de energia (petróleo e eletricidade) que alteraram profundamente os processos produtivos e permitiram novos ramos industriais, mas também é possível observar uma maior organização dos trabalhadores em associações e sindicatos, movimentos que se voltaram para a transformação do sistema capitalista.

Foi nesse contexto que surgiu a necessidade de um pensamento que explicasse a realidade urbana e industrial e que permitisse e indicasse possibilidades de intervenção.

As idéias de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) não tinham nenhuma preocupação em definir uma ciência específica para analisar a sociedade, porque buscavam compreendê-la na sua totalidade, não promovendo a separação dos aspectos econômicos, políticos, ideológicos, religiosos e etc, não se prenderam a idéia cartesiana de ciência.

As mudanças na História da Humanidade, segundo os marxistas, ocorrem a partir da luta entre as classes sociais, ou seja, reafirmando a idéia que o homem é um sujeito histórico, capaz de constituí-la e transformá-la. Para eles,

o conhecimento científico da realidade só tem sentido se tiver como meta à transformação dessa mesma realidade. A separação entre teoria e prática é algo que não se coloca, uma vez que a verdade histórica não é uma abstração, possível de se definir apenas teoricamente; a sua verificação está na ação, isto é, na prática (TOMAZI, 2000, p. 6).

Nesse sentido, a luta de classes⁴ e a práxis social, conceito que indica que a teoria e a prática são aspectos indissociáveis, ganha destaque a partir de suas formulações.

Marx e Engels visaram compreender a sociedade a partir de sua totalidade e do seu processo histórico, não interpretaram os acontecimentos como algo isolado, que segue as leis naturais como afirmam os positivistas, mas buscam estabelecer as relações de causa e efeito no movimento histórico-dialético dos sujeitos sociais envolvidos.

Para isso, há que se estar subsidiado por uma teoria que reproduza, da maneira mais aproximada possível, a lógica, o movimento e o vir-a-ser da realidade. Teoria essa que vise representar, no plano do pensamento, a atividade prática, que se coloque vinculada à vida real e que seja sustentada por uma razão “inclusiva”, capaz de dirimir as dificuldades historicamente presentes na profissão quanto à relação teoria-prática. (GUERRA, 1997, p. 18)

Dessa forma, esses autores são defensores da práxis, em que não se separa teoria da prática, ou seja, a prática é objeto de estudo e de formulações e a teoria se aplica na prática, estabelecendo a relação ação/reflexão – reflexão/ação. Esse aspecto qualitativo de análise, permite ao indivíduo e aos profissionais em geral tornar-se mais responsável,

pois, como disse Gramsci:

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se⁵ ativamente na vida prática, como construtor, organizador, persuasor permanente, já que não mais apenas orador puro e superior, todavia, do espírito matemático – abstrato; da técnica – trabalho eleva-se à técnica ciência e à concepção humanística – histórica, sem a qual permanece especialista e não se chega a dirigente (especialista mas político) (apud JORGE, 1997, p. 170).

Essa nova realidade que permitiu a formulação teórica da práxis, em que os indivíduos são concebidos como sujeitos autônomos e capazes de refletir, organizar e

⁴ que traz em si todo seu antagonismo social.

⁵ Conforme o Minidicionário Luft o significado do verbete “imiscuir” é: intrometer-se; Ingerir-se.

implementar lutas sociais por uma outra sociedade está presente em diversos grupos e movimentos sociais contemporâneos. Como exemplo, é possível citar a organização do Fórum Social Mundial, que promoverá em 2007 a sua sétima edição e se realizará na África. A abordagem que essa perspectiva apresenta pode ser compreendida como uma forma de superação da crise dos paradigmas, tendo em vista

[...] nas últimas duas décadas do Século 20 assistimos a grandes mudanças, tanto no campo sócio-econômico e político, quanto no campo da cultura, da ciência e da tecnologia, mas, sobretudo, no campo da ecologia. As Conferências sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento de Estocolmo (1972) e do Rio de Janeiro (1992) foram dois grandes marcos dessas mudanças. Vimos ainda grandes movimentos sociais, como os que ocorreram no leste europeu, no final dos anos 80, culminando com a queda do muro de Berlim. Não fazemos uma idéia clara ainda do que deverá representar, para todos nós, a **globalização** crescente da economia, das comunicações e da cultura. Finalmente, as transformações tecnológicas tornaram possível o surgimento da **era da informação**. (GADOTTI, 2005, p. 1)

É tarefa imprescindível a todo profissional formado no final do século XX e XXI a percepção da ciência a partir do referencial teórico vinculado a formulação da práxis, enquanto ação e reflexão acerca da realidade sócio-histórica em que está inserido. Nesta direção,

as formulações teórico-metodológicas de Marx buscam apreender o modo de ser e de constituir do ser social. Aqui não se concebe o pensamento dissociado do ser e, deste modo, teoria e prática estão substantivamente vinculadas. Tais formulações permitem ainda a compreensão tanto da realidade objetiva, pela análise dos seus elementos constitutivos e da vinculação entre eles, quanto dos conteúdos da consciência, uma vez que pelo pensamento o homem reproduz idealmente sua vida real. Entendem que a “consciência é o reflexo teórico da vida real dos homens” e, neste sentido, não pode haver dicotomia, menos ainda fratura, entre teoria e prática. (GUERRA, 1997, p. 19)

Além desses aspectos, cabe a responsabilidade aos profissionais do século XXI superar a crise dos paradigmas, instituído pelo esgotamento de um modelo de produção científica e de realização profissional inspirado nas bases positivistas e cartesianas características da modernidade fundada a partir do Iluminismo, que levaram ao processo de auto-destruição do planeta em nome do desenvolvimento econômico e da realização profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. SP: Martins Fontes, 2000.
GADOTTI, Moacir. Pedagogia da práxis e educação ambiental. *In*: BRASIL, Ministério do Meio Ambiente do - Diretoria de Educação Ambiental. Programa Nacional de Educação Ambiental. Programa de Formação de Educadoras e Educadores

Ambientais. **Desvendando Princípios da Perspectiva Crítica da Educação Ambiental:** Brasília DF, 2006⁶.

GUERRA, Yolanda. A ontologia do ser social: bases para a formação profissional. **Serviço Social & Sociedade.** São Paulo: Cortez, n.54, ano XVIII, Julho/1997.

JORGE, Maria Raquel Tolosa. A pesquisa qualitativa: premissas, possibilidades e posturas. **Serviço Social & Realidade.** Franca: UNESP, v. 6, n. 2, 1997.

MARX, Karl ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** Prólogo de José Paulo Netto. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

PIERUCCI, A. F. de O; CAMARGO, C. P. F. de, , CARDOSO, R. **Comunidades eclesiais. Novos Estudos CEBRAP.** São Paulo: CEBRAP, v.1, n. 2, p. 49-58, Abr/1982.

QUINTANEIRO, T. BARBOSA, M.L.O. OLIVEIRA, M.G. Karl Marx – Capítulo II. **Um toque de Clássicos: Durkheim, Marx e Weber.** Belo Horizonte: Ed. UFMG.

RIBEIRO JR, João. **O que é positivismo.** SP: Brasiliense, 2001.

TOMAZI, Nelson Dacio (Coord.) **Iniciação à Sociologia.** SP: Atual, 2000.

⁶ Fonte eletrônica:

<http://www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Artigos/Portugues/Pedagogia_da_Terra/Ped_praxis_educacao_ambiental_2005.pdf> Acesso em: 04 out. 2006